

Mundo

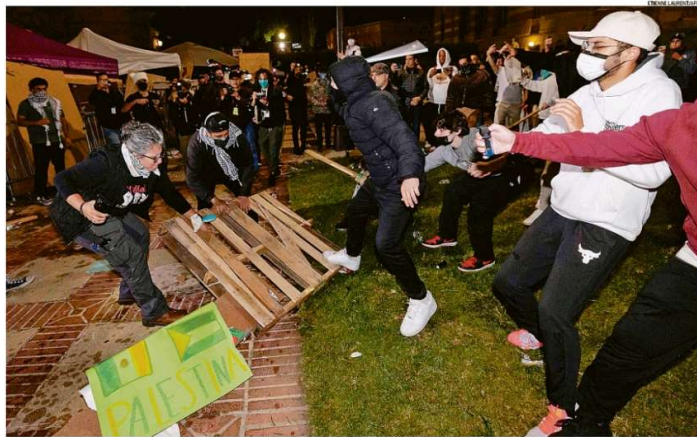
SUBSECRETARIA-GERAL DA ONU ALERTA
IA é risco em ano de eleições no mundo

Falta de barreiras de segurança cria desafio para mais de 50 países, incluindo o Brasil



INVASÕES E CONFRONTOS

Polícia age em 6 universidades nos EUA, e grupos entram em choque na Califórnia



Tensão em alta. Contramaneirantes atacam um acampamento de ativistas e estudantes pró-palestinos no campus da Universidade da Califórnia. Los Angeles: cerca de 330 detidos no país ontem

Em mais um dia de tumultos em campi nos Estados Unidos envolvendo estudantes em protestos pró-palestinos que se espalharam por todo o país, houve ações policiais em seis universidades ontem e confrontos entre grupos opostos de manifestantes em uma instituição na Califórnia. Ao todo, da noite de terça-feira para ontem, cerca de 330 estudantes foram detidos, sem que a tensão desse sinais claros de ceder.

A escalada de violência tem se tornado preocupante à medida que os atos em solidariedade a Gaza recrudescem nos EUA, apesar da repressão policial. Ordens para desocupar os acampamentos

foram emitidas, e grupos de estudantes vêm prometendo resistir. Somente em Nova York, 300 pessoas foram detidas em duas universidades na noite de terça na madrugada de ontem.

O caso mais grave ocorreu na Universidade da Califórnia (UCLA), em Los Angeles, quando um grupo de aproximadamente 200 manifestantes pró-Israel invadiu o espaço em que os ativistas pró-Palestina estavam e tentou desmontar o acampamento no campus, segundo contou um repórter do New York Times. De acordo com ele, os dois lados "jogaram objetos" uns nos outros, e o confronto durou "várias horas". Houve registro do uso de gases de pimenta, além de fogos de artifício. Ta-

pumes de madeira e grades que delimitavam o acampamento também foram usados como armas.

SEM PLANOS DE DISPERSAR

Funcionários da instituição pediram a ajuda da polícia de Los Angeles, que chegou ao campus por volta das 11h50 (10h50 em Brasília). Na noite de terça-feira, a UCLA declarou o acampamento pró-Palestina uma ocupação ilegal. A instituição afirmou que os manifestantes poderão enfrentar consequências caso não saiam do local. Osativistas, no entanto, chamaram a declaração de "covarde" e disseram que não planejam se dispersar.

As hostilidades entre manifestantes pró-Palestina e pró-Israel no campus da UCLA já

tinham sido registradas nos últimos dias. Na instituição, até então uma das mais tolerantes aos protestos, os ativistas judeus tiveram mais presença do que em outras mobilizações do país. Na noite de segunda-feira, outra briga ocorreu entre os dois grupos após cerca de 60 ativistas pró-Israel tentarem invadir o acampamento. Ontem, após os confrontos da madrugada, a universidade informou aos alunos que todas as aulas foram canceladas — e que policiais permaneceriam no local.

"Atos horríveis de violência ocorreram no acampamento esta noite, e imediatamente chamamos as autoridades", disse Mary Osako, vice-reitora da universidade, em nota ao New York Times ontem.

"Estamos chocados com esta violência sem sentido e ela deve acabar." A prefeita de Los Angeles, Karen Bass, disse que o caso é "absolutamente abominável e indesculpável".

REITORA CHAMOU POLÍCIA

Em Nova York, o prefeito Eric Adams assinou o papel de líder da repressão policial aos protestos estudantis. Ontem, Adams defendeu as prisões de quase 300 manifestantes na City College e na Universidade de Columbia, onde policiais desocuparam um prédio que havia sido tomado por quase um dia por ativistas contrários à guerra em Gaza. O prefeito —um ex-policial— argumentou que eles eram antissemitas e liderados por estrangeiros, como parte de um esforço glo-

bal para "radicalizar os jovens". Os organizadores dos protestos alegam que os atos antissemitas são isolados e iniciativas individuais, não coletivas.

—Não podemos e não permitiremos que o que deveria ser uma reunião pacífica se transforme em um espetáculo violento que não serve a nenhum propósito—disse.

A reitora da universidade, Nemat Shafik, solicitou à polícia que mantenha presença na instituição até pelo menos 17 de maio, dois dias após a formatura dos alunos.

Por sua vez, na Universidade Tulane, em Nova Orleans, 14 pessoas foram presas na madrugada de ontem. Ao menos dois dos ativistas detidos eram estudantes. A instituição ressaltou que o acampamento era uma "manifestação ilegal" e, em nota, afirmou estar investigando relatos de que membros do corpo docente participaram do protesto.

MAIS DE MIL DETIDOS

Já na Universidade do Arizona, policiais do campus dispersaram uma manifestação à força. Na Universidade Estadual de Portland, no Oregon, autoridades pediram sem sucesso que os estudantes desocupassem uma biblioteca no campus. Na Universidade do Wisconsin, em Madison, a polícia prendeu 12 manifestantes e desmontou tendas, mais tarde reerguidas após os agentes deixarem o local.

A ocupação do prédio em Columbia estava no centro dos protestos que começaram a se espalhar pelos EUA em 18 de abril, quando mais de 100 estudantes da universidade foram detidos. As manifestações se repetiram em várias universidades, na maior mobilização desde os protestos contra a Guerra do Vietnã nos anos 1960 e 1970. Desde então, houve protestos em cerca de 50 instituições e detenção de mais de mil manifestantes em ao menos 21 estados. Em vários acampamentos, ativistas dizem que não vão recuar.

Os manifestantes defendem, além do fim da guerra entre Israel e o grupo terrorista Hamas, que suas instituições de ensino rompam laços com o Estado judeu e com empresas que lucraram com o conflito, sobretudo no setor de armas. Eles pedem, ainda, anistia para estudantes e professores alvo de ações disciplinares por participação nos protestos.

Com New York Times

Netanyahu reitera rechaço a cessar-fogo definitivo

Premier israelense deixa claro a secretário de Estado dos EUA que não abre mão de prosseguir com guerra

BRUXELAS

O primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, afirmou que não vai aceitar nenhum acordo para recuperar os reféns israelenses capturados pelo Hamas, se isso envolver um cessar-fogo definitivo na Faixa de Gaza. O comentário foi feito em uma reunião a portas fechadas com o secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, em um momento em que o grupo analisa termos de um possível acordo diplomático e tem reiterado a necessidade do fim da ação militar no enclave palestino.

A conversa entre Netanyahu

e Blinken, que fez sua 7ª viagem à região desde o início da guerra em 7 de outubro, foi discutida por funcionários do governo israelense com a mídia internacional. Uma fonte ouvida em anonimato pelo Times of Israel afirmou que o premier comunicou a Blinken sobre a recusa de encerrar a guerra, mas sem abrir mão da via negociada.

TRÉQUA SERIA LIMITADA

O cessar-fogo definitivo é um ponto reiterado pelo Hamas nas mesas de negociação, com mediação de Catar, Egito e EUA, mas a medida sofre resistência do lado israelense, se-



Terra arrasada. Imagem mostra a devastação do sul da Faixa de Gaza. Netanyahu reafirma intenção de invadir a área

breando de parceiros de extrema direita da coalizão de Netanyahu, que insistem que a guerra em Gaza só deve acabar com a aniquilação completa da organização terrorista.

Porta-vozes dos países mediadores mostraram otimismo com os termos apresentados à delegação política do Hamas que viajou ao Cairo, no domingo da semana, que incluem

apenas uma trégua temporária de seis semanas e a troca de número limitado de reféns — 33 dos cerca de 100 no encalve — por presos palestinos. A proposta foi considerada boa

por Blinken, para quem a decisão está nas mãos do Hamas.

Ontem, Osama Hamdan, um porta-voz do Hamas, disse à TV libanesa que a posição do grupo em relação ao atual documento de negociação é "negativa". Na sequência, o escritório de imprensa do grupo terrorista esclareceu que, embora os líderes do Hamas não aceitassem as propostas israelenses atuais, estavam dispostos a continuar negociando.

EUA CONTRA AÇÃO EM RAFAH

Durante a reunião em Jerusalém, Blinken reforçou a Netanyahu que os EUA não estão de acordo com uma ação em Rafah — cidade do extremo sul de Gaza, para onde fugiram cerca de 1,5 milhão de palestinos deslocados pela guerra. Netanyahu antecedeu reiterou que vai ordenar a invasão de Rafah "com ou sem acordo" para destruir o que resta da força militar do Hamas.